

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA - IPOL

Camilla Barreto Cascemiro de Oliveira

**PRIMAVERA ÁRABE: UMA REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL
ÁRABE NO ORIENTE MÉDIO**

BRASÍLIA

2014

CAMILLA BARRETO CASCEMIRO DE OLIVEIRA

PRIMAVERA ÁRABE: UMA REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL
ÁRABE NO ORIENTE MÉDIO

Monografia apresentada ao Instituto de
Ciência Política, Universidade de Brasília,
como requisito de conclusão do curso de
Graduação em Ciência Política.

Orientador: Paulo César Nascimento

BRASÍLIA

2014

PRIMAVERA ÁRABE: UMA REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL NO ORIENTE MÉDIO

Monografia apresentada ao Instituto de
Ciência Política, Universidade de Brasília,
como requisito de conclusão do curso de
Graduação em Ciência Política.

Professor Paulo César Nascimento

Brasília, junho de 2014.

DEDICATÓRIA

A minha família, que me acompanhou corajosamente nesses 8 meses de monografia. Vocês são minha fonte de inspiração e alegria. Este é só o começo.

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa chega ao fim, apenas mais uma de muitas outras que virão e que também espero compartilhar futuramente com todos vocês. É com muita alegria que posso dizer: “Eu vim, vi e venci”. Os agradecimentos que aqui faço não são suficientes ao que vocês merecem, mas já é um bom começo.

Primeiramente, agradeço a Deus pela realização deste sonho e por ter colocado pessoas maravilhosas ao longo da minha vida. A meu pai, minha mãe e ao meu irmão, meus mais sinceros agradecimentos. Obrigada por me apoiarem sempre e me amarem incondicionalmente. Tenho uma dívida eterna junto a vocês. Nós somos um quarteto super fantástico. A meu padrinho, Haroldo, e a minha madrinha, Solange; agradeço por todo o amor e por sempre se fazerem presentes apesar da distância. Obrigada às minhas tias Simone e Vera e ao primo Ivair Júnior, sempre presentes em meu coração. Aos meus avós Eusébio, Dirce, Divina e Antonieta e a toda minha família, obrigada pelo suporte e carinho. Essa vitória também é de vocês.

Aos meus amigos, tão chegados quanto irmãos, obrigada pela companhia, alegria, apoio emocional, conselhos e broncas. Sem dúvida vocês também contribuíram para que eu chegasse até aqui. Agradeço a Elena Pinheiro, Iana Lima, Jaiane Maia, Laura Dias, Vanessa Machado, Letícia Medeiros, Célia Machado, Caroline Reis, Tathyana Salles, Ytalla Nandy, Lucas Lo Ami, Rodrigo Ramalho, Vinicius Santos e Guilherme Shimabuko.

Ao meu orientador, Paulo Nascimento, muito obrigada pelo apoio, pela paciência e presteza constantes. Ao professor Carlos Batista, agradeço por sempre me motivar em meus estudos e por mostrar que tudo é possível com um pouco de esforço e algumas horas de estudo. À Strategos – Empresa Jr. de Consultoria Política, à Concentro e à Brasil Júnior, muito obrigada por me ensinarem que nunca é cedo demais para empreender e transformar o mundo.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo defender a ideia da existência de uma política propriamente árabe e, por extensão, de um nacionalismo árabe e da sua influência sobre a política regional. Nesse sentido, buscar-se á identificar a transformação do compartilhamento de um sentimento pan-árabe na população árabe para um nacionalismo árabe, no sentido de uma identidade territorial, ao longo da Primavera Árabe. Assim, será evidenciada a influência que a apropriação do discurso nacionalista pelos governos, depostos/recém instalados e os que se mantiveram no poder; que a “quebra” do sentimento de solidariedade árabe e que a influência da identidade religiosa islamita tiveram nesse processo de mudança. Para tal, o fenômeno em questão será compreendido sob suas fases: uma que corresponde a dezembro de 2010 até fevereiro de 2011 e a outra que abarca o ano de 2011 até os dias atuais. A análise, por sua vez, será construída por meio de pesquisa bibliográfica e documental assim como pela análise de discurso de fontes primárias e secundárias.

Palavras – Chave: primavera árabe, nacionalismo árabe, identidade nacional árabe.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ORIENTE MÉDIO, IDENTIDADE NACIONAL E NACIONALISMO	11
3	PRIMAVERA ÁRABE: PROGRESSO OU PARALISIA?	15
	3.1 Momento do Otimismo	16
	3.2 Momento da Violência	21
4	CONCLUSÃO	25
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

1. INTRODUÇÃO

Rompendo com o mito da passividade dos povos árabes e da sua inaptidão à democracia, testemunhamos uma re-politização do Mundo Árabe. Em dezembro de 2010 um jovem tunisino ateou fogo ao seu próprio corpo como manifestação contra as péssimas condições de vida no país. Ato simbólico que, por sua vez, desencadeou em uma série de levantes que repercutiram pelo Oriente Médio e no Norte da África, caracterizando a chamada “Primavera Árabe”, que em um ano provocou a queda de quatro ditadores e a morte de milhares de manifestantes.

Em meio a esse fenômeno internacional, além do enfoque dado aos questionamentos quanto ao sucesso dos regimes autoritários árabes e/ou quanto ao fracasso da prevalência da democracia no Oriente Médio, as “primaveras árabes” também trouxeram consigo o ressurgimento da atenção à relevância da identidade árabe e à complexa dinâmica da política regional no mundo árabe. Perspectiva essa, que por sua vez, suscita indagações um tanto negligenciadas quanto ao impacto do nacionalismo árabe na política regional do mundo árabe e no que diz respeito ao quão “árabe” as políticas árabes, de fato, são. (VALBJØRN e BANK, 2011).

Frente aos levantes ocorridos, não raro foram o uso de expressões como “solidariedade árabe”, “orgulho árabe” e “luta contra o imperialismo” nos discursos das lideranças insurgentes, dos manifestantes e na mídia da região. Pelas manifestações realizadas, os países e suas populações reivindicaram seus próprios interesses, novas aspirações políticas, sua própria soberania. Pela Primavera Árabe um grande Movimento Árabe transnacional sedento de mudança à realidade política ressurgiu.

Contrariando os que defendem a ideia da “artificialidade” das fronteiras no Oriente Médio, a Primavera Árabe iniciada em 2010 tem demonstrado que as fronteiras árabes estão bem consolidadas no imaginário da população e que esse sentimento de “solidariedade árabe”, esse nacionalismo árabe, está bastante avivado na região. Pelas protestos realizados, percebe-se que o que está sendo posto em questionamento não é o fator nacionalidade ou identidade nacional, isto é, o fato de ser egípcio ou tunisino ou até mesmo de ser árabe; mas a natureza dos estados que constituem suas “nações” atualmente.

Nessa linha de pensamento, quanto ao posicionamento do nacionalismo árabe na política do Oriente Médio, este trabalho tem por argumento a ideia de que ainda faz sentido em se falar da existência de uma política propriamente árabe e, por extensão, de um nacionalismo árabe e da sua influência sobre a política regional. Aqui, não se tratando de um nacionalismo aos moldes dos anos 1950-60; mas de um nacionalismo árabe no que tange a uma identidade nacional territorial, que se evidencia nos levantes da Primavera Árabe.

2. ORIENTE MÉDIO, IDENTIDADE NACIONAL E NACIONALISMO

“[...] o sistema árabe é uma grande câmara de som em que as informações, ideias e opiniões têm ressonância, dando pouca atenção para as fronteiras do estado”.

(NOBLE, 1990, p.56)

Atualmente, se mostram evidentes as diferenças do Oriente Médio e de sua política regional em relação à década de 1950-60. A compreensão da natureza desse “novo Oriente Médio”, contudo, tem sido tema frequente de debates, nos quais muito se tem defendido a necessidade de prestar mais atenção ao nível regional ao se tratar da dinâmica da política árabe. Apesar disso, em meio a esses debates, pouco se tem estudado a respeito do impacto do nacionalismo árabe na política regional, não raro a temática é apresentada como algo que ficou no passado ou simplesmente é ignorado.

A existência de um nacionalismo árabe influente no processo de tomada de decisão das lideranças regionais não é um fenômeno recente de análise da política no Oriente Médio. Pelo contrário, a ideia do nacionalismo árabe já podia ser identificada desde à época do Império Otomano nos anos 1900, tendo entrado no discurso político como uma reação ao programa de “turquificação” do Império Otomano na região do Crescente Fértil. Datando a essa época, a Grande Revolta Árabe em 1916 materializou essa ideia (de nacionalismo), que vem se arrastando pela história como agente influenciador em fenômenos políticos importantes mais recentes como na Guerra Irã-Iraque em 1980, na Guerra do Líbano em 2006, dentre muitos outros.

Segundo John Breuilly (2000) o nacionalismo pode ser compreendido sob três perspectivas, a saber: pela doutrina, pelos sentimentos e pela política. O nacionalismo enquanto doutrina, consistiria em mais um “ismo”, isto é, sua compreensão enquanto um tipo de teoria e de história. Pela perspectiva de sentimento, o nacionalismo pode ser entendido como a lealdade ao Estado que é compartilhada pelo povo, há o desenvolvimento de uma “consciência nacional” na população. Já pela perspectiva da política, o nacionalismo seria compreendido a partir de movimentos nacionalistas, do uso de sua ideologia de um modo político significativo. Nesse sentido, como este artigo não tem por objetivo a compreensão da política nacionalista como obra de intelectuais, ou de se analisar os sentimentos nacionais

como resultantes de movimentos políticos que servem a doutrinas nacionalistas; adotar-se-ão as perspectivas do nacionalismo enquanto sentimento e como política para se compreender e caracterizar o nacionalismo árabe, a fim de analisar sua manifestação nos levantes observados na Primavera Árabe.

Ao se propor compreender o nacionalismo no Oriente Médio enquanto sentimento se faz necessário entender primeiro a distinção árabe entre dois conceitos: *qawmiyya* e *wataniyya*. (PELAEZ - GONZALEZ, 2009). O primeiro diz respeito a “pessoas”, isto é, está mais relacionado à ideia de um nacionalismo pan - árabe. O segundo conceito, por sua vez, está atrelado à ideia de “terra-natal”; o que estaria mais compatível com uma ideia localista de nacionalismo. Aos moldes da sociedade que interage e forma o comportamento dos indivíduos (GREENFEALD, 1993), a alternância dessas duas formas de compreensão de nacionalismo pode ser observada ao longo da evolução histórica do nacionalismo árabe, que sempre esteve bastante atrelado às ideias de reivindicação de soberania, de independência política da influência dos poderes ocidentais, à causa da Palestina e a uma lealdade interestatal. Muito em virtude a esse contexto, uma forte característica intrínseca do nacionalismo árabe é seu apelo transnacional, seu caráter convocatório. Isto é, no Oriente Médio, mais do que em qualquer outra parte do mundo, observamos um nacionalismo que está mais localizado e difundido em um grande grupo de países do que dentro de cada um deles. Observa-se um nacionalismo calcado em um sentimento de solidariedade coletiva que não se vê, porém que existe no imaginário da população árabe. (GREENFEALD, 1993).

Ainda nessa linha de pensamento, considerando uma perspectiva regional de análise do Oriente Médio, percebe-se a falta de uma autoridade central na região ao mesmo tempo em que se faz presente uma forte “comunidade supra – estatal”. “Comunidade imaginada” essa, que extrapola as limitações territoriais de Benedict Anderson (2008), baseada na ideia compartilhada de membros “associados” a uma Nação Árabe soberana em comum (*qawmiyya*). Daí um elevado grau de interconectividade entre o nível estatal e o societal no mundo árabe. Como Paul Noble (1991) bem caracterizou, ao se tratar do mundo árabe temos “uma grande câmara de som em que as informações, ideias e opiniões têm ressonância, dando pouca atenção para as fronteiras do estado”. Muito desse comprometimento a uma Nação Árabe, declarada muitas vezes de modo explícito na constituição de vários estados árabes (HINNEBUSCH, 2003), nos leva a encarar esses estados, mais como “estados territoriais” do que “estados nação” (KIENLE, 1990).

Tomando a ideia de nacionalismo árabe como um conceito que abarca a noção de algum tipo de fronteira especial existente entre os falantes da língua árabe que compartilham, não apenas uma língua em comum, como também uma história e uma cultura; sob a perspectiva do nacionalismo enquanto política, Morten Valbjørn (2009) identifica no cenário acadêmico três variações dessa noção geral: o pan – arabismo, o arabismo cultural e o arabismo político. Segundo a perspectiva do pan – arabismo, o mundo árabe é compreendido como um pan-sistema baseado na existência de uma Nação Árabe para além das fronteiras artificiais dos estados territoriais árabes. E apresenta como objetivo máximo a unidade territorial árabe em um só estado, incluindo a Palestina. Aqui, essa grande, e verdadeira, nação árabe seria orientada por uma única razão de estado: a da própria nação. Essa perspectiva teve bastante força durante o período dos anos 1950-67.

Já a perspectiva do arabismo cultural é identificada principalmente à época do império otomano, compreendendo o mundo árabe apenas como um espaço onde os árabes sentem uma proximidade cultural e reconhecem entre si um compartilhar de práticas e hábitos em comum. Entretanto, não implica em nenhum comprometimento político substancial muito menos em obrigações pragmáticas. Por fim, o arabismo político entende o mundo árabe sob o prisma de uma sociedade anárquica no nível internacional. Para essa vertente os árabes vivem em estados diferentes, porém são interligados por fronteiras especiais, que podem ser percebidas em suas organizações políticas e relações mútuas. A política seria desenvolvida a partir de uma razão de estado mais restrita que, contudo, está em concordância com normas árabes, regras e valores, incluindo certas obrigações e um comprometimento de solidariedade. Essa noção de nacionalismo árabe foi bastante defendida durante os anos 1970 até o final do século XX.

Atualmente, Valbjørn (2009) apresenta que o surgimento de uma nova mídia transnacional árabe nos últimos anos, muito contribuiu para a transformação do nacionalismo árabe, que vem ganhando força dentro do domínio dos atores – não estatais. Segundo ele, o surgimento de uma nova esfera pública árabe é o ponto de partida para uma nova forma de nacionalismo árabe, que ele denomina como um arabismo político não estatal. Esse novo e transformado arabismo é oriundo principalmente de duas dinâmicas inter-relacionadas. A primeira, diz respeito ao forte autoritarismo prevalente no mundo árabe, em que são estabelecidos limites estreitos às deliberações políticas livres dentro de uma esfera pública local. Essa situação, por sua vez, levaria os cidadãos descontentes a voltarem sua atenção

para a política regional como uma forma indireta e menos perigosa de criticar o governo. Apesar dessa interação entre assuntos regionais e domésticos não ser algo novo, passa a ganhar uma nova dimensão quando relacionada à revolução da informação, iniciada dos anos 1990.

A segunda dinâmica envolve propriamente a emergência de uma nova mídia transnacional em si, que diverge da mídia árabe tradicional cujo controle era detido pelos regimes locais. Segundo Marc Lynch (2006), o grande marco temporal desse fenômeno é o ano de 1996 com o lançamento da *Al Jazeera*; que por outro lado, proporciona uma plataforma para deliberações políticas voltadas para os assuntos locais. Por ser um canal comercial que tem por preocupação alcançar o maior mercado possível em termos de audiência entre o público árabe, a *Al Jazeera* enfatiza notícias e debates políticos direcionados a temas de interesse árabe comum, como o Iraque ou a Palestina. Dessa forma, relacionando eventos distantes, em conjunto, e unindo os árabes em um mesmo espaço virtual, essa nova mídia transnacional corrobora para a construção de uma nova esfera pública. Espaço esse em que há o compartilhar de uma língua em comum (o árabe) e de uma agenda de notícias árabes, um espaço que é caracterizado por uma identidade coletiva na qual os seus participantes se reconhecem como pertencentes a um projeto político comum singular.

Tendo sido expostas, assim como esclarecidas, essas diferentes compreensões do nacionalismo árabe, este trabalho analisará a seguir a ideologia nacionalista bem como as demais identidades manifestadas nos protestos da Primavera Árabe iniciada no final de 2010. Nesse sentido, buscar-se á caracterizar a Primavera Árabe como um processo de reafirmação da identidade nacional árabe bem como evidenciar o sentimento de um pan – nacionalismo árabe enquanto agente fundamental para a repercussão dos levantes. Para tal, o fenômeno em questão será compreendido sob suas fases: uma que compreende dezembro de 2010 até fevereiro de 2011 e a outra que compreende o ano de 2011 até os dias atuais. A análise, por sua vez, será construída por meio de pesquisa bibliográfica e documental; assim como pela análise de discurso de fontes primárias e secundárias.

3. PRIMAVERA ÁRABE: PROGRESSO OU PARALISIA?

“[...] há duas respostas previsíveis e quase sempre equivocadas para qualquer grande revolução internacional: uma é dizer que tudo mudou; a outra é dizer que nada mudou.”

(HALIDAY, 2005, p.195)

Há três anos, várias revoltas árabes começaram a partir do ato de desespero de um homem. Um vendedor de rua, Mohammed Bouazizi, ateou fogo ao seu próprio corpo na cidade de Sidi Bouzid, na Tunísia. Esse ato simbólico que resultou em sua morte, em menos de um mês iniciou uma onda de protestos contra as dificuldades financeiras do país e contra a repressão política. Protestos esses, que se espalharam do Norte da África para o restante do mundo árabe, inspirando uma série de novas manifestações intituladas de “Primavera Árabe”.

Tendo sido iniciada em 17 de Dezembro de 2010, com o ato de autoimolação de Bouazizi, a Primavera árabe pode ser compreendida em dois momentos. O primeiro, correspondendo o final (dezembro) de 2010 a fevereiro de 2011, em que se percebe uma grande onda de otimismo. Com a queda de Abdullah Saleh no Iêmen, com a morte de Kadafi na Líbia, com a queda de Mubarak no Egito e de Ben Ali na Tunísia, o Oriente Médio estaria finalmente tomando novos ares de uma real mudança rumo à democracia, os sentimentos de esperança e otimismo imperavam entre os manifestantes que saíam às ruas. De 2011 até os dias atuais, por outro lado, um segundo momento da Primavera Árabe surgiu e com ele um grande balde de água fria a esse sonho democrático. Em resposta aos levantes uma forte repressão dos regimes se fez cada vez mais frequente nos noticiários, inaugurando o momento da violência.

3.1. MOMENTO DO OTIMISMO

Apesar de inicialmente terem partido de uma escala local, os protestos com ressonância de nível nacional, como: necessidade de mais empregos, apelo por justiça, dignidade e maior liberdade de expressão, ultrapassaram as fronteiras tunisinas e se tornaram uma onda regional. E ao nos indagarmos do porquê de uma revolução isolada na Tunísia ser capaz de inspirar uma série de levantes contra os regimes vigentes no Egito, Bahrain, Iêmen, Líbia, Síria, Marrocos, Jordânia, Palestina e no Kuwait enquanto outros protestos anteriores não tiveram o mesmo sucesso; é inevitável se especular sobre a existência, bem como a importância, de uma identidade árabe supranacional nesse processo.

Sob a lente de análise do nacionalismo enquanto sentimento, no decorrer dessa primeira fase da Primavera Árabe é possível identificar um forte sentimento de pertença e lealdade à “nação árabe”. Nesse sentido, o alto apelo convocatório e a base da solidariedade coletiva desse nacionalismo árabe foram essenciais para o efeito de *spill-over* das manifestações. Ao se analisar documentários como *Arab Spring: The Documentary*¹, da rede televisa RT, e *The Arab Awakening – Death of Fear*,² da rede *Al Jazeera*, observamos um nacionalismo árabe, outrora “adormecido”, de volta ao cenário do Oriente Médio como um movimento tão capaz de sacudir as ruas árabes quanto o próprio Islamismo. Ao serem postados na internet fotos e vídeos do ato desesperado de um jovem tunisino, o senso de “comunidade” e a empatia entre as populações de diferentes países árabes falaram mais alto e tomando a morte de Bouazizi como um instrumento de catarse às suas próprias insatisfações nacionais, também saíram às ruas. Não raro, pôsteres com a imagem de Bouazizi como um grande “herói” /mártir podem ser identificados em vídeos que retratam os levantes na Tunísia, no Egito, na Síria e na Líbia.

No que tange à evocação dessa “unidade árabe”, as músicas de protesto foram instrumentos fundamentais para a difusão da causa das manifestações. Hinos cheios de esperança, fúria aos regimes e sonhos de um futuro melhor ressoaram por toda a “câmara

¹ É um documentário de autoria da rede televisa árabe RT, que está disponibilizado no canal do *youtube* da emissora.

² Documentário de autoria da rede *Al Jazeera* composto por uma série de 5 episódios, que estão disponibilizados no canal do *youtube* da emissora.

árabe”, da Tunísia aos territórios palestinos. No Cairo, a música *The voice of freedom*³ se tornou a trilha sonora da repercussão da primavera árabe no Egito, cuja letra dizia: “Nossas vozes alcançaram aqueles que não podiam nos ouvir/ E nós quebramos todas as barreiras/ Nossa arma eram nossos sonhos/ E o amanhã será melhor do que imaginamos”. A cantora tunisina Amel Mathlouthi e sua música intitulada de *My speech is free*⁴ também foi um grande símbolo da luta contra o regime de Ben Ali, além de ser uma grande representante da causa da inclusão social feminina, sua música transcendeu a causa tunisina, sendo um manifesto pela liberdade e dignidade por todo o Oriente Médio.

Se por um lado as músicas de protestos fizeram a trilha sonora da Primavera Árabe, o *grafitti* em muito foi um elemento importante no cenário dessa revolução. Utilizada como estratégia de contestação aos regimes autoritários, a “arte das ruas” também expressou solidariedade à “causa árabe”. Frequentemente em imagens e fotos relacionadas às manifestações, podemos ver frases de encorajamento ao povo árabe para que resistam e se oponham aos regimes opressores. A exemplo, nos arquivos de fotos relacionados ao tema da *Al Jazeera*, podemos identificar imagens nesse sentido. Em um deles, um dos muros da cidade de Tahrir estavam os seguintes dizeres: “Glória aos mártires/ Tunisinos de mantenham fortes/ Todos nós temos orgulho de vocês”.⁵

Além da empatia e do sentimento de pertença à “nação árabe” compartilhada pelas populações nos mais diversos países árabes, outro elemento importante para a grande adesão às manifestações foi a herança revolucionária transmitida a essa nova geração. Uma das características marcantes dessa Primavera Árabe, sem dúvida, foi a participação massiva dos jovens; que presos em uma realidade que não condizia com as promessas gloriosas do governo de um futuro melhor, romperam as barreiras do medo e saíram às ruas. É interessante notar, contudo, a constante interação entre esses jovens e uma geração mais anciã no desenrolar dos protestos. Em meio aos levantes, no Egito vemos a associação dessa juventude à figura de Hazem Beblawi e na Tunísia à imagem de Beji Caid Essebi, por exemplo. Essa geração anciã, por sua vez, viveu o auge do nacionalismo revolucionário árabe e há muito carrega a frustração e decepção com os regimes autoritários até então vigentes. E devido à

³ Uma seleção das principais músicas-protestos da Primavera Árabe foi elaborada pelo *Euphrates Institute*, disponível em: <<http://euphratesinstitute.org/2013/01/music-of-the-arab-spring>>.

⁴ A letra da referida música, bem como análise do envolvimento da cantora Amel Mathlouthi nos protestos, está disponível em: <<http://www.worldpolicy.org/journal/winter2013/rapping-the-arab-spring>>.

⁵ A referida imagem pode ser visualizada no web *blog* pessoal de David Peisner, um *rapper* tunisino. Disponível em: <<http://djpeisner.com/2011/05/19/tunisian-revolutionary-rap/>>.

importância que os anciãos representam na sociedade árabe no que tange o processo de socialização do conhecimento/educação não se pode negar a influência dessa cosmovisão de outrora a essa nova geração árabe.

A nova mídia árabe transnacional e as ferramentas advindas da internet (*facebook*, *weblogs*, *youtube*, *twitter*, etc.) também em muito contribuiu para a disseminação do nacionalismo árabe enquanto sentimento. Sua capacidade de costurar eventos distantes de modo a construir uma esfera pública compartilhada de discussão de uma agenda árabe foi essencial para que o sentimento de empatia, de reconhecimento do “outro”, entre populações de países distintos pudesse ser estabelecido. Ao permitir o compartilhar de histórias entre diferentes pessoas de diferentes realidades, essa nova mídia contribuiu para a expansão e fortalecimento dessa “comunidade árabe imaginada”. Entretanto, apesar do papel significativo que os meios de comunicação apresentaram na Primavera Árabe, ela não deve ser encarada como uma revolução da internet ou do *facebook*,⁶ como muitos apresentaram.

Sob a perspectiva de compreensão do processo de mobilização social, sabe-se que existe um grande *gap* entre o ato de clicar, compartilhar e postar mensagens de apoio às manifestações e o ato de ir às ruas, de fato. Não foram os meios de comunicação que fizeram a revolução, mas sim os indivíduos em uma ação coletiva. As pessoas foram os verdadeiros agentes da mudança. A internet e suas ferramentas foram apenas um apoio logístico que possibilitaram uma maior ressonância das vozes desses protestos a uma audiência externa também cada vez maior. A nova mídia árabe levou para além das fronteiras um corpo comum de exigências e valores. Propagação essa que vai além do efeito *Al Jazeera* tantas vezes invocado, pois não veicula apenas formas modernas de comunicação, mas também, e principalmente uma concepção radicalmente nova de ativismo político. Amplificado pelas redes sociais, o movimento tira parte de seu combustível de uma unidade pan - árabe, mas rejeita qualquer coloração ideológica para melhor reunir as frustrações contra o despotismo e reivindicando com força ensurdecadora o direito à cidadania.

Por fim, não se pode deixar de atribuir importância aos “cases de sucesso” da Primavera Árabe à propagação do nacionalismo árabe enquanto sentimento. Isto é, o fato da Primavera Árabe já ter sido iniciada com casos de “vitória” na Tunísia, no Egito e na Líbia fortaleceu o sentimento de esperança e de confiança às populações dos diferentes países

⁶ Ideia apresentada, por exemplo, no documentário *How Facebook changed the World Arab Spring*, da emissora inglesa BBC. O vídeo no *youtube* está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lnPR90dJ3Gk>>.

árabes a seguirem esse mesmo exemplo. Isso, não só pela vitória em si, mas também pelo peso (tamanho territorial, influência na política regional e tradição de movimentos nacionalistas) que esses países representam no imaginário árabe. Em uma entrevista à emissora de TV saudita *Rotana Khalijiya*⁷, essa sensação de “pressão psicológica” é bastante evidenciada ao príncipe Al-Waleed Bin Talal afirmar que se a Primavera Árabe causou a queda do Mubarak no Egito, ela pode alcançar qualquer país no Oriente Médio.

Por outro prisma, sob a perspectiva do nacionalismo árabe enquanto política, isto é, pela lógica dos movimentos nacionalistas; levando em consideração o caráter geopolítico da revolução, esse sentimento de “solidariedade árabe” se viu ainda mais fortalecido com a entrada de movimentos nacionalistas no cenário das manifestações, tais como o Movimento 9 de Abril e *Rabi’a*, ambos no Egito, e os *Black Banners of Salafis*, na Tunísia, por exemplo. Ao trazerem à cena a alegação da proximidade com os Poderes do ocidente e os regimes autoritários árabes, o discurso “Ocidente Vs. Interesses árabes” ganhou impulso, mesmo que por um curto período de tempo. Vários cartazes em meio às manifestações no Egito, por exemplo, estavam escrito em hebraico, pois os protestantes alegavam que era a única língua que era entendida por Mubarak.⁸

Contudo, apesar dessa presença de movimentos nacionalistas nos protestos, percebeu-se uma baixa ressonância da ideologia nacionalista enquanto um projeto político definido na população. Isto é, por mais que possamos notar a presença de elementos característicos do jogo da política árabe e do movimento arabista como: a luta contra o imperialismo e a luta pela libertação da Palestina; observamos também o total fracasso desses mesmos movimentos nacionalistas em se apropriarem dos levantes realizados e de sustentarem sua ideologia enquanto uma demanda clara intrínseca aos protestos. Nas inúmeras imagens e documentários que retratam esse primeiro momento da Primavera Árabe o que identificamos é o auto-empoderamento do povo, é a realização de uma “Revolução pelo povo e para o povo”.⁹ Muito da “legitimidade” atribuída aos levantes pela audiência externa foi justamente o fato das manifestações não retratarem uma linha de pensamento específico de partidarismo dentro da sociedade árabe; mas pelo contrário, por emanarem do ativismo político de toda uma

⁷ Essa entrevista está disponibilizada no canal do *youtube* da emissora MEMRI e pode ser acessada em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QknLh12RqyQ>>.

⁸ A imagem descrita está disponível na versão impressa do *Jornal Le Monde Diplomatique Brasil*, ano 4, nº44, edição de Março 2011.

⁹ Alusão ao artigo do jornalista da *Al Jazeera* Sadiki Larbi.

população. Nesse sentido, aos moldes do novo arabismo idealizado por Valbjørn (2009), de fato, o que identificamos nas manifestações enquanto movimento nacionalista, é um arabismo mais independente e guiado pela população do que orientado pelo próprio Estado e de instituições advindas dele.

Em suma, nesse primeiro momento da Primavera Árabe é perceptível a presença e a importância de um arabismo enquanto combustível à propagação dos levantes que se seguiram por todo o Oriente Médio. Arabismo esse mais como um sentimento difundido na população do que como uma política definida, de fato. Nesse momento observamos a força que a “nação árabe” e sua identidade árabe supranacional representam no imaginário da população árabe.

3.2. MOMENTO DA VIOLÊNCIA

A partir do momento em que um grande número de pessoas se mobiliza e vão às ruas, elas passam a se dar conta da sua capacidade de organização e de transformação e isso é algo que não se consegue tirar facilmente delas. Isso só é obtido por meio do uso ostensivo e massivo da repressão; e é exatamente isso que estamos a observar nesse segundo momento da Primavera Árabe, que compreende aproximadamente fevereiro de 2011 até os dias atuais, visto que os protestos ainda seguem acalorados em várias partes do oriente médio, como na Líbia e na Síria, por exemplo. Apesar de ser muito cedo para a formulação de “afirmações” sobre essa segunda fase, pode-se especular que estamos observando o surgimento e a inauguração de uma nova era na política árabe. Uma era em que o povo árabe finalmente encontrou sua voz, não estando disposto a abrir mão desse processo de autoafirmação.

Nesse momento, a título de análise, compreendendo o período dos finais de fevereiro de 2011 até o início de 2013, pode-se ainda identificar dois desfechos consequentes dos levantes da primeira etapa da Primavera Árabe: o dos países em que suas lideranças foram depostas e houve transições “democráticas”; e o dos países em que as lideranças do antigo regime permaneceram no poder. Ao contrário do observado na primeira etapa, percebe-se uma predominância do nacionalismo árabe enquanto política no sentido de identificação à “nação árabe” soberana, ao passo em que tem-se seu enfraquecimento como sentimento compartilhado entre a população árabe. Nacionalismo esse, que por sua vez, acaba sendo ofuscado posteriormente pela entrada de outras identidades no palco das manifestações, como o islamismo e de um nacionalismo mais localista, referente à identificação ao estado territorial dos indivíduos.

No cenário em que se identifica a persistência dos antigos regimes ante aos protestos, observamos a apropriação do discurso nacionalista como estratégia das lideranças na tentativa de se manterem no poder. Discurso esse aos moldes do arabismo político intergovernamental dos anos 1970 (VALBJØRN, 2009), que era utilizado em serviço da manutenção do *status quo* ao passo em que permitia aos regimes explorarem alguns aspectos inerentes do nacionalismo árabe sem abrirem mão do controle de sua própria política doméstica. Nesse sentido, a partir de fevereiro de 2011 observamos o clássico artifício da monopolização do sentido de “ser árabe” e dos argumentos da existência de “rivals que agem contra a causa

árabe” bastante frequente nos meios midiáticos e nos discursos políticos dos governos da região que lutavam contra a disseminação da Primavera Árabe em seus territórios.

Nessa linha de pensamento, valendo-se da perspectiva da balança de poder na região e do antigo discurso calcado no argumento da “segurança da nação árabe”, vemos as lideranças dos antigos regimes, principalmente na região do Golfo Árabe, trazerem à tona a questão da identidade religiosa (xiitas vs. sunitas) a fim de estimular “divisões” nos grupos de manifestantes bem como deslegitimar os protestos realizados. Isto é, atribuindo a Primavera Árabe a uma consequência da suposta “crescente xiita” no Oriente Médio, os regimes árabes passaram a declarar os protestos como uma manobra de “poderes estrangeiros”, aqui entenda-se Irã, para desestabilizar os regimes árabes vizinhos e instaurar governos xiitas na região. Essa estratégia, por exemplo, evidencia-se claramente na entrevista concedida pelo príncipe saudita Al – Waleed Bin Talal à emissora *Rotana Khaliijya*, ao declarar que “a Primavera Árabe é uma destruição árabe” e que não se deve confiar no Irã.¹⁰

Somado a esse cenário, por outro lado, no que diz respeito aos países em que houve transições “democráticas” como a Tunísia e o Egito; percebe-se, contudo, a emergência e a instalação de islamitas ao poder e não de partidos nacionalistas propriamente ditos: o partido *Ennahda* e a Irmandade Muçulmana, respectivamente; o que por sua vez só corroborou para o fortalecimento da identidade religiosa, aqui o fato de ser islamita ou não islamita, ante a, até então observada, identificação à “nação árabe”. A partir desse momento, a grande preocupação que surge a tona é em qual será o papel da religião na configuração desses novos regimes.

Os defensores ferrenhos da passividade dos povos árabes podem encontrar nas reações dos antigos regimes que se mantiveram no poder durante esse segundo momento da Primavera Árabe, uma possível resposta a esse suposto comportamento. Ao passo em que esse período é caracterizado pelo surgimento de outras identidades do povo árabe, também é marcado senão, sobretudo, pelo uso desmedido da violência. Aqui observamos um momento em que os números retratados pela mídia se mostram extremamente importantes, principalmente os que dizem respeito aos mortos e feridos em decorrência da repressão às manifestações realizadas. No Egito, só durante o protesto da “Revolução de 25 de Janeiro” estima-se que 840 pessoas foram mortas e cerca de 6.000 foram feridas. No Bahrain o saldo

¹⁰ Essa declaração está presente em entrevista concedida à emissora mencionada. E pode ser acessada em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QknLh12RqyQ>>.

final das manifestações girou em torno de mais de 1.000 prisões, ao passo em que nos protestos anti-Gadafi dos dias 16 a 21 de Fevereiro de 2011, houve 170 mortos e mais de 1.500 feridos¹¹. A importância desses números, por sua vez, reside em uma via de mão-dupla: na medida em que compelia os insurgentes a prosseguir com os protestos a fim de “fazer valer” os esforços dos mártires da causa; por outro lado representavam uma estratégia dos antigos regimes em impor medo e inibir a continuidade dos levantes, de transmitir a mensagem de que estariam dispostos a tudo para se manter no poder.

Dessa forma, sob a perspectiva do nacionalismo árabe enquanto sentimento, a repressão dos regimes em muito contribuiu para o enfraquecimento da “solidariedade árabe” ao passo em que corroborou para o fortalecimento da identidade nacional territorial. Isto é, como bem é retratado pelo documentário *Shouting in the Dark*,¹² sobre a repercussão da Primavera Árabe no Bahrain; quando os manifestantes se depararam com a truculência do Estado e esperaram o auxílio dos demais “irmãos árabes”, principalmente de países como a Tunísia e o Egito que saíram dos protestos “vitoriosos”; nada se encontrou senão seu silêncio. Em casos como o Bahrain, de uma “primavera esquecida pelos árabes”, suas populações perceberam que só podiam contar consigo mesmos, daí o fortalecimento da identidade nacional territorial. Aqui são frequentes *slogans* que exaltam e demonstram orgulho de suas respectivas nacionalidades em meio às manifestações. Ainda no que tange ao fortalecimento dessa identidade nacional territorial é interessante notar que tamanha foi sua força, que conseguiu se sobrepor até mesmo à divisão religiosa entre sunitas e xiitas. No Bahrain, vários cartazes diziam “Nem sunitas, nem xiitas. Somos todos Bahraini” ou ainda “xiitas + sunitas = Bahrain”¹³. Temos aqui mais uma vez o povo reivindicando para si a autoria das manifestações e não à ideologias políticas/religiosas específicas.

Ainda no que diz respeito à quebra do sentimento de “solidariedade árabe”, nos países que tiveram transições “democráticas”, por sua vez, suas populações passaram a adotar um caráter mais “individualista” ao enfocarem suas atenções nas cobranças de suas demandas aos partidos que agora se encontravam no poder de seus novos regimes. *Slogans* como os

¹¹ Esses dados são referentes ao relatório da Anistia Internacional sobre o Estado dos Direitos Humanos no Mundo em 2012.

¹² Documentário, de autoria da emissora *Al Jazeera*, está disponível em seu canal no *youtube*. E pode ser acessado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xaTKDMYOB0U>>.

¹³ Os *banners*/cartazes mencionados podem ser visualizados no documentário *Shouting in the Dark* da emissora *Al Jazeera*.

observados na Tunísia que diziam “Onde está meu voto?”, ¹⁴refletem bastante esse novo espírito e passam a substituir os que outrora rogavam pelo levante da nação árabe aos regimes autoritários.

Entretanto, apesar dos casos mencionados bem como de suas respectivas análises se referirem ao período de até mais ou menos os meses iniciais de 2013, de um modo geral essa segunda fase da Primavera Árabe pode ser caracterizada pelo enfraquecimento do nacionalismo árabe enquanto política bem como enquanto sentimento, no tocante à identidade árabe supranacional aos moldes da ideia pan - árabe de *qawmiyya*. Contudo, podemos observar o fortalecimento do nacionalismo enquanto sentimento, no sentido mais atrelado ao conceito de “terra natal”, de *wataniyya*. Sendo muito dessa mudança, decorrente da apropriação do discurso nacionalista pelos próprios governos, depostos/recém-instalados e os que se mantiveram no poder; da “quebra” do sentimento de solidariedade árabe (atrelada à repressão desmedida do Estado) e da influência da identidade religiosa islamita.

¹⁴ O *slogan* mencionado pode ser identificado no vídeo realizado da *Brandeis University - Crown Center for Middle East Studies*, na conferência *Beyond the Arab Spring* em 2011. E pode ser acessado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ss76gUSN5O8>>.

4. CONCLUSÃO

A observação desses dois momentos da Primavera Árabe tratados por este artigo nos permite identificar as várias transformações e as diferentes manifestações do uso do nacionalismo e da ideia de “unidade árabe” ao longo do desenrolar dos protestos. Devida a sua alta versatilidade, o nacionalismo enquanto discurso retórico e, por que não, enquanto chamada convocatória; representa um grande elemento de legitimidade aos governos/iniciativas políticas, sendo utilizadas com frequência como um “instrumento solucionador” às mais diversas contingências políticas. Isto é, ao longo dos levantes que repercutiram por todo o Oriente Médio, observamos os antigos regimes serem postos à prova por suas populações, que demonstraram compartilhar um senso peculiar de uma unidade pan - árabe. Regimes esses, que por sua vez, também apresentaram no âmago de seus discursos a retórica da unidade da nação árabe e da unificação de semelhanças históricas, como a língua e a cultura, por exemplo; em oposição a “inimigos estrangeiros”. Regimes esses, que por outro lado, também se valeram de discursos que enfatizavam as particularidades e singularidades de cada país árabe, na tentativa de conter o “efeito-dominó” das manifestações. Em todas essas situações observamos um apelo a um “nacionalismo” diferente em cada uma delas.

Em meio ao desenrolar da Primavera Árabe, no que tange sua compreensão enquanto política, notamos um nacionalismo árabe de pouca expressividade. Isto é, conseguimos identificar alguns de seus elementos retóricos característicos em discursos políticos, como a “convocação da nação árabe” na luta contra o imperialismo ocidental; contudo, não se identifica um movimento político propriamente definido e organizado capaz de mobilizar a população em torno de sua causa. Mesmo sob a perspectiva mais “abstrata” do arabismo político não estatal proposto por Valbjørn (2011), de um movimento político mais orientado pela população do que propriamente pelo Estado, também não é possível identificar sua existência constante e consciente, enquanto agente orientador das ações da população árabe em meio aos protestos. Pelo desenrolar do fenômeno em questão, temos esse arabismo político não estatal mais como um sentimento compartilhado do que como um movimento político organizado. Ao contrário dos anos 1950-60 em que pudemos observar *banners* e *slogans* que claramente defendiam uma visão específica da população como: “Unidade árabe

é a Solução” ou até mesmo “Nacionalismo Árabe é a solução”; ¹⁵ no período de dezembro de 2011 a fevereiro de 2013 não observamos nada nessa linha de pensamento; o que em muito demonstra a falta de consenso sobre o tipo de nacionalismo e de unidade árabe idealizada pelos povos árabes. Vale reiterar que, todavia, um sentimento pan-árabe se faz presente no ideário da população árabe.

Nesse sentido, a Primavera Árabe, por sua vez, mais se revela como um processo de reafirmação da identidade nacional territorial, do nacionalismo aos moldes da ideia de *wataniyya*. Por meio das observações dos levantes, pode-se alegar que as fronteiras no Oriente Médio não são tão “artificiais” quanto se achava pelo Ocidente. Sem dúvida, muito disso é fruto dos longos processos de *nation - building* pelos quais vários dos países árabes vem passando; todavia, não raro foram as manifestações de orgulho, de demonstração de lealdade e de sentimento de pertença aos estados territoriais. Sendo esse sentimento – de querer fazer de seu país um lugar melhor - o agente motriz da continuidade da repercussão dos levantes por todo o Oriente Médio. Nacionalismo esse que foi crucial para a “unificação” de várias facções distintas em torno de uma causa comum na Tunísia, na Líbia, no Bahrain, no Egito, dentre muitos outros países; que usaram a bandeira nacional como seu símbolo. Como disse o autor libanês Hisham Matar em entrevista a *Al Jazeera*: “As pessoas [...] estão descobrindo o que é ser um povo – sua identidade nacional, seu próprio sentimento de si¹⁶.”. Não acidentalmente, tem-se a Tunísia como o primeiro local a dar impulso aos protestos. Isto é, a Tunísia, tem desenvolvido há anos, um robusto senso de identidade nacional. Senso que, ironicamente, em muito é resultado do processo de construção nacional conduzido por seu primeiro líder autoritário Habib Bourguiba (1957-87).

Se por um lado, a Primavera Árabe pode ser interpretada como um triunfo da identidade nacional territorial; por outro, não pode deixar de ser reconhecida pelo ressurgimento avassalador do nacionalismo enquanto sentimento compartilhado - *qawmiyya*. Pela dimensão das manifestações observadas bem como pela rapidez de sua propagação, é perceptível o compartilhar da identidade pan – árabe supranacional entre a população árabe. Toda a comoção que abalou o mundo árabe só foi possível de ser estabelecida por essa identidade coletiva, evidenciando a consolidação da “nação árabe” no imaginário da

¹⁵ Alusão aos *slogans* comentados na, já mencionada anteriormente, conferência *Beyond the Arab Spring* da Brandeis University – Crown Center for the Middle East Studies, realizada em 2011.

¹⁶ Essa declaração está presente no vídeo *The political power of literature*, elaborado pela emissora *Al Jazeera* em fevereiro de 2011. E pode ser acessada em: <<http://www.aljazeera.com/programmes/rizkhan/2011/02/201122374815992508.html>>.

população. Se essa identidade de *qawmiyya* vai continuar a se esvair ante a identidade de *wataniyya* ou se o sectarismo religioso vai ser capaz de sobrepujar a identidade nacional, é algo que só o tempo nos dirá. O que podemos declarar até então é que a identidade árabe supranacional ressurgiu com grande apelo aos povos árabes, sendo a faísca propulsora da Primavera Árabe.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLAH EL ALAOUI, H. B. E amanhã monarquias? **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, ano 6, n.66, p.17-19, Janeiro 2013.

ALBRECHT, H.; SCHLUMBERGER, O. "Waiting for Godot": Regime Change without Democratization in the Middle East. **International Political Science Review/Revue international des science politique**. vol.4, n.25, p. 371 - 392. 2004.

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2008. 320 p.

BALAKRISHNAN, G. A Imaginação Nacional. In: BALAKRISHNAN, G. (Org.). **Um mapa da questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2000. p.209-213.

BREULLY, J. Abordagens do Nacionalismo. In: BALAKRISHNAN, G. (Org.). **Um mapa da questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2000. p. 155-183.

CHUBIN, S. Iran and the Arab Spring: Ascendancy Frustrated. **GRC Gulf Papers**. Geneva, Jeddah, Tokyo: GRC, 2012.

COLOMBO, S. **The GCC Countries and the Arab Spring. Between Outreach, Patronage and Repression**. IAI Working Papers 2012. March 2012.

GONZALEZ - PELAEZ, A. The Primary Institutions of the Middle Eastern Regional Interstate Society. In: **International Society and the Middle East – English School Theory at the Regional Level**. England: Palgrave MacMillan. 2009, p. 92-116.

GREENFEALD, L. Introdução. In: **Nacionalismo: Cinco caminhos para a Modernidade**. Portugal: Publicações Europa-América Ltda. 1993. p.13-35.

GRESH, A. Em busca de Soberania. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, ano 4, n.44, p.22-23, Março 2011.

GRESH, A. Confusão diplomática no Egito. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, ano 7, n.74, p.22-23, Setembro 2013.

HALLIDAY, F. International Relations theory and the Middle East. In: **The Middle East in International Relations: Power, Politics and Ideology**. Cambridge: Cambridge University Press. 2005, p.21-40.

HALLIDAY, F. Modern ideologies: political and religious. In: **The Middle East in International Relations: Power, Politics and Ideology**. Cambridge: Cambridge University Press. 2005. p.193-228.

HINNEBUSCH, R. **The International Politics oh the Middle East**. Manchester: Manchester University Press. 2003.

KAMAMRAVA, M. The Arab Spring and the Saudi-Led Counterrevolution. **Orbis**. vol 56, p. 96-104. 2011.

KIENLE, E. **Ba'th: The Conflict between Syria and Iraq 1968-1989**. London: I.B Tauris. 1990.

LYNCH, M. **Voices of the New Arab Public: Iraq, Al Jazeera, and Middle East Politics Today**. New York: Columbia University Press. 2006.

MAJED, R. **Did Arab uprisings deepen the Sunni – Shia divide?** Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2013/12/did-arab-uprisings-deepen-sunni-shia-divide-20131217293301149.html>>. Acesso em: 19 janeiro 2013.

MA'OZ, M. The “Shi” Crescent: Myth and Reality. **Analysis Paper**. The Saban Center for Middle East Policy at the Brookings Institution, n.15, 2007.

NOBLE, P. The Arab System: Pressures, Constraints, and Opportunities. In: Bahgat Korany e Ali E. Hillal Dessouki (Eds.) **The Foreign Policies of Arab States: The Challenge of Change**. Boulder: Westview Press, p.49-112. 1991.

PARTICK, N. Nationalism in the Gulf States. In: **Kuwait Programme on Development, Governance and Globalization in the Gulf States**. London: London School of Economics and Political Science Press. 2009.

POUPART, J; et tal. **A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. 465p.

PRADAL, F. Suez, na linha de frente da revolução egípcia. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, ano 5, n.54, p.32 – 34, Janeiro 2012.

ROSEN, L. Expecting the Unexpected: Cultural Components of Arab Governance. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**. vol.603, p.163178. 2006.

SADIKI, L. **“Revolution by the people, for the people”**. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2013/12/people-people-people-20131223112837196380.html>>. Acesso em: 19 janeiro 2013.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, I.S.; COOK, S.W. **Les methods de recherché en sciences sociales**. Montreal: HRW. 1977. 303p.

VALBJØRN, M. Arab Nationalism(s) in Transformation: From Arab Interstate Societies to an Arab-Islamic World Society. In: **International Society and the Middle East – English School Theory at the Regional Level**. England: Palgrave McMillan. 2009. p.140-170.

VALBJØRN, M.; BANK, A. The New Arab Cold War: rediscovering the Arab Dimension of Middle East regional politics. **Review of International Studies**. vol.38. p. 1-22. 2011.

VALBJØRN, M. Upgrading Post – democratization Studies: Examining a Re-politicized Arab World in a Transition do somewhere. **Middle East Critique**. vol.21, n. 1, p.25 – 35. 2012.

Recursos Audiovisuais

“Arab Spring is Arab Destruction. I do not trust Iran”. Entrevista do príncipe saudita à emissora Memri TV. 12’11”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=QknLh12RqyQ>>. Acesso em: maio de 2014.

Arab Spring: The Documentary. RT News, 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9iqLaPS4Zv8>>. Acesso em: maio de 2014.

Beyond the Arab Spring: Numbers Matter. Conferência da Brandeis University - Crown Center for Middle East Studies, capítulo 3, 2011. 3’58”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mNL3myAFPn8>>. Acesso em: junho 2014.

Beyond the Arab Spring: Telling Slogans. Conferência da Brandeis University - Crown Center for Middle East Studies, capítulo 5, 2011. 3’41”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ss76gUSN5O8>>. Acesso em: junho 2014.

Shouting in the Dark. Doha: Al – Jazeera, 2011. 50’56”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xaTKDMYOBou>>. Acesso em: abril de 2014.

The Arab Awakening – Absolute Power. Doha: Al – Jazeera, 2011. 46’17” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bzWPkelQ_6s>. Acesso em: maio de 2014.

The Arab Awakening – Seeds of Revolution. Doha: Al – Jazeera, 2011. 47’18”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BSZ7Ln5KzRU>>. Acesso em: maio de 2014.

The Arab Awakening – Death of Fear. Doha: Al – Jazeera, 2011. 48’05”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=b8_4OzV8DLw>. Acesso em: maio de 2014.

The Arab Awakening – The people want... Doha: Al – Jazeera, 2011. 47’13”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=b_4XkP-Isqk>. Acesso em: maio de 2014.

The Political Power of Literature. Doha: Al Jazeera, 2011. 25’. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/programmes/rizkhan/2011/02/201122374815992508.html>>. Acesso em: junho 2014.